

Setúbal na Rede

Primeiro jornal online português assinalou dez anos de existência

O Setúbal na Rede atravessa um período negro no mesmo ano em que comemora uma década de vida. O director da publicação fala em dívidas na ordem dos 50 mil euros e de uma redacção com capacidade para assegurar apenas os serviços mínimos. O fecho definitivo é uma das possibilidades em cima da mesa.

Texto **Luís Bonixe**

PEDRO BRINCA folheia com orgulho os dossiers com dezenas de artigos publicados na imprensa nacional sobre o Setúbal na Rede (www.setubalnardede.pt), o primeiro jornal exclusivamente online criado em Portugal e que completou dez anos de vida no passado mês de Janeiro.

Ao mesmo tempo, o director e único fundador da publicação online, lamenta os tempos difíceis por que passa actualmente o Setúbal na Rede e que já levou Pedro Brinca a

equacionar o fecho do jornal. Não o fez porque ainda tem esperança que os problemas de ordem financeira possam ser resolvidos.

Recentemente instalada num edifício com vista para o rio Sado e para a serra da Arrábida, a redacção é hoje composta apenas por três pessoas, todas estagiárias, e que asseguram os serviços mínimos do jornal que recebe diariamente 2500 visitas.

Uma jornalista, uma gestora de conteúdos e uma comercial mantém o Setúbal na Rede online apesar da acumulação de dívidas que colocam permanentemente em cima da mesa o cenário de fecho.

Foram essas dívidas, acumuladas desde 2002, que conduziram o jornal à actual situação, muito diferente dos primeiros anos quando o Setúbal na Rede acompanhava “com criatividade a actualidade regional”.

“Marcava a agenda. Era frequente lançarmos uma notícia e depois os órgãos nacionais telefonarem-nos a pedir contactos das pessoas que entrevistávamos. Há dez anos quando lancei o Setúbal na Rede não esperava o sucesso que ele teve. Era um projecto pioneiro. A Internet era uma coisa muito estranha para grande parte da população”, recorda Pedro Brinca.

Actualmente com uma dívida à banca e a fornecedores que ronda os 50 mil euros, o cenário do Setúbal na Rede é muito diferente. “Perdemos o arrojo que nos marcava, a ousadia e aqueles dossiers especiais, as grandes entrevistas



de fundo, o marcar a agenda. A partir dessa altura começámos a ser reactivos. Se há uma conferência de imprensa a gente vai lá, mas o Setúbal na Rede foi criado precisamente para não ser só isso”, diz o director da publicação.

PROBLEMAS FINANCEIROS COMEÇARAM HÁ SEIS ANOS

Os problemas financeiros do Setúbal na Rede começaram no final de 2002. Foi nessa altura que o jornal começou a atrasar o pagamento de alguns ordenados a uma redacção que, à época, era constituída por cinco jornalistas.

As dificuldades de ordem financeira apareceram depois da direcção do jornal ter concorrido a um financiamento promovido pelo Instituto da Comunicação Social para a aquisição de equipamento. Na mesma altura, o jornal lançou o livro “Memórias da Revolução no Distrito de Setúbal”. Tratavam-se de dois investimentos que pretendiam projectar o jornal. O problema é que coincidiram com atrasos no pagamento de publicidade o que levou o Setúbal na Rede a ter de recorrer a um empréstimo bancário para fazer face aos compromissos assumidos.

Por outro lado, a Internet começava a deixar de ser uma novidade e a passar a estar ao alcance de todos. “Ninguém queria fazer publicidade no Setúbal na Rede porque podiam lançar também um jornal na Internet. Uma empresa, para além de vender porcas e parafusos, podia ganhar também fazendo publicidade no seu próprio site na Internet”, recorda Pedro Brinca.

Por tudo isto, desde 2003 que o jornal não tem ninguém no quadro e vive sobretudo do trabalho dos estagiários. Nos últimos dois anos, a empresa conseguiu lentamente recuperar financeiramente com o pagamento de algumas das dívidas contraídas ao fisco e até foram feitos novos investimentos como a aquisição de instalações novas e de um sistema informático que suporta o site.

Contudo, no Verão de 2006, as coisas voltaram a complicar-se, desta vez por causa das dificuldades de tesouraria. “A partir de 2002/2003 tem sido um processo muito difícil e doloroso. A primeira vez que pensei em desistir, confesso, foi no final do ano passado [2006]. Se há dinheiro a entrar a coisa vai-se aguentando, se há atrasos no pagamento verifica-se uma coisa que é terrível que é deixarmos de pagar às finanças”, explica o director do Setúbal na Rede.

É por isso, diz Pedro Brinca, que o jornal está de novo com uma situação muito complicada em termos financeiros e que poderá conduzir ao seu encerramento no ano em que assinala uma década de existência.

“O volume de facturação actual vai quase todo para o banco para pagar dívidas. Se nos pagassem o dinheiro que nos devem, resolveriam quase todos os problemas que temos”, diz o director do Setúbal na Rede.

A situação é tal que Pedro Brinca, o único proprietário do jornal, já foi obrigado a cobrir despesas da empresa com dinheiro do seu próprio bolso. “Atingi uma situação na minha vida totalmente incomportável e tive que tomar uma decisão

O Setúbal na Rede começou por ser um semanário, pois quando foi altura de registar o título no Instituto da Comunicação Social foi exigida a referência à periodicidade, uma prática habitual no caso dos jornais impressos. Como o Setúbal na Rede foi o primeiro exclusivamente online, a norma foi-lhe também aplicada.

“Marcava a agenda. Era frequente lançarmos uma notícia e depois os órgãos nacionais telefonarem-nos a pedir contactos das pessoas que entrevistávamos. Há dez anos quando lancei o Setúbal na Rede não esperava o sucesso que ele teve. Era um projecto pioneiro. A Internet era uma coisa muito estranha para grande parte da população”, recorda Pedro Brinca.

drástica. Estou a trabalhar como assistente de loja. Se hoje me perguntarem as minhas funções eu sou empresário e director de um jornal, professor no ensino superior e assistente de loja, o que é ridículo”, diz Pedro Brinca.

O director do primeiro jornal português exclusivamente online confessa que está hoje “cansado psicologicamente”. “Tenho todas as razões para estar arrependido porque arruinei a minha vida pessoal. Não me arrependo quando penso em tudo o que vivi nestes dez anos. Passei momentos de grande triunfo. Não me sinto, neste momento, com energia para continuar com isto por mais dez anos”, lamenta Pedro Brinca.

RECUPERAÇÃO DIFÍCIL

A recuperação do jornal não parece fácil, admite o director da publicação, que encontra três cenários possíveis para a revitalização do Setúbal na Rede.

O primeiro passaria pelo aparecimento de investidores

oriundos do tecido empresarial da região. Esta seria, para Pedro Brinca, a situação mais interessante, pois o projecto continuaria a ter um pendor regional em Setúbal. O segundo cenário implicaria a entrada de um sócio que pudesse investir no projecto e, por fim, a terceira hipótese passaria pela venda total do jornal.

“Já houve avanços para estes cenários, mas depois quando parece que as coisas vão avançar há hesitações. O tecido empresarial da região tem algumas dificuldades e se calhar também não percebe o potencial de um projecto desta dimensão. Na região não vejo grande receptividade. Se formos falar com potenciais investidores a nível nacional, e em primeiro lugar estariam os grupos de comunicação social, o obstáculo aí é o facto de ser um meio regional”, conta o director do Setúbal na Rede.

Ou seja, sintetiza Pedro Brinca: “O facto de sermos digitais é um obstáculo na abordagem aos investidores regionais, o facto de sermos regionais é um obstáculo na abordagem aos investidores de dimensão nacional”.

O director do primeiro jornal português exclusivamente online confessa que está hoje “cansado psicologicamente”. “Tenho todas as razões para estar arrependido porque arruinei a minha vida pessoal. Não me arrependo quando penso em tudo o que vivi nestes dez anos. Passei momentos de grande triunfo. Não me sinto, neste momento, com energia para continuar com isto por mais dez anos”, lamenta Pedro Brinca.

“Com o investimento público em valores historicamente baixos e o consumo privado em queda, as empresas cortam na publicidade e o sector da informação é o primeiro a ressentir-se. Ao nível da informação local, a crise é ainda mais grave, com jornais e rádios locais a atravessarem um período de grandes dificuldades. Não fossem os jornalistas estagiários e a situação seria ainda pior”, considera o professor universitário João Canavilhas.

Um quarto cenário chegou a estar em cima da mesa e que passaria pelo desdobramento do projecto para outros distritos do país. Pedro Brinca confessa que foi uma das ideias que tentou colocar em prática, mas que, uma vez mais, não vingou.

“Não fiz abordagens com parceiros regionais, mas fiz com eventuais parceiros nacionais. A ideia é que grupos com alguma força pudessem pegar nesta marca e a partir dela a pudessem desdobrar para o país. Não houve, de facto, esse interesse”, lembra o director do Setúbal na Rede.

Ricardo Nunes é professor de jornalismo na Escola Superior de Educação de Setúbal e um dos membros do Conselho de Opinião do Setúbal na Rede e recorda que aquele órgão “reflectiu sobre uma proposta da direcção no sentido de se elaborar um plano de negócio que permitisse aproximações estratégicas e tirar partido das sinergias empresariais”. O docente considera que a existência de parcerias é um cenário a ter em conta embora admita que é difícil de concretizar na região setubalense.

“O distrito de Setúbal tem um tecido empresarial e industrial com relevo nacional mas ainda não suficientemente sensível a alianças que, teoricamente, poderão parecer estranhas”, diz Ricardo Nunes cuja ligação ao Setúbal na Rede passou também pelo cargo de Provedor do Leitor.

Já João Canavilhas, professor de jornalismo na Universidade da Beira Interior e autor de uma tese de doutoramento sobre webjornalismo, entende que o futuro das publicações online passa pela especialização.

“Porém, no caso da informação regional funcionará sobretudo em zonas de forte emigração, pois a publicação pode chegar facilmente aos naturais espalhados pelo mundo. Sobretudo quando o porte pago deixou de ser participado a 100% e os jornais são obrigados a subir o preço das assinaturas”, considera o professor universitário que confessa não conhecer a situação financeira do Setúbal na Rede, mas que não fica surpreendido com o período de dificuldades.

“Com o investimento público em valores historicamente baixos e o consumo privado em queda, as empresas cortam na publicidade e o sector da informação é o primeiro a ressentir-se. Ao nível da informação local, a crise é ainda mais grave, com jornais e rádios locais a atravessarem um período de grandes dificuldades. Não fossem os jornalistas estagiários e a situação seria ainda pior”, considera João Canavilhas.

A PEDIDA DA FILHA DE CINCO ANOS

O aparecimento do Setúbal na Rede não podia ter sido mais espontâneo. A filha de Pedro Brinca pediu e o pai acedeu.

“A mãe e o pai eram jornalistas. A minha filha sabia como é que era o processo das notícias. Sabia que era preciso ir aos



acontecimentos e falar com pessoas, mas também sabia que depois se tinha que ir ao jornal e fazer a maquetagem e aquilo tudo. Ela tinha uma noção do que era fazer um jornal. E um dia perguntou-me ‘Ó pai porque que não escreves as notícias e pões na Internet e quem quiser vai lá ver?’ Eu percebi que a ideia era boa”.

O Setúbal na Rede começou por ser um semanário, pois quando foi altura de registar o título no Instituto da Comunicação Social foi exigida a referência à periodicidade, uma prática habitual no caso dos jornais impressos. Como o Setúbal na Rede foi o primeiro exclusivamente online, a norma foi-lhe também aplicada.

Pedro Brinca recorda que, para além da periodicidade, tinha também que fazer referência à tiragem do jornal, algo a que o director não pôde responder, pois tratava-se de uma publicação exclusivamente online. O processo de registo do Setúbal na Rede acabaria por ficar suspenso durante algum tempo até que a situação causada pela novidade do online fosse resolvida.

Após os primeiros três anos com actualizações semanais, a direcção do jornal percebeu que a Internet poderia oferecer mais do que isso. Foi nessa altura que as notícias no Setúbal na Rede passaram a ser actualizadas em permanência, primeiro o cartaz de cinema, só mais tarde a generalidade da informação. Seguiu-se a inclusão de ligações internas e externas nos textos. A colocação de som e vídeo foram os passos seguintes, embora tal suceda apenas de forma esporádica. Uma delas foi em 2001 quando o jornal realizou debates aos candidatos às eleições autárquicas nos vários concelhos do distrito de Setúbal e colocou online os vídeos desses momentos.

O Setúbal na Rede acabou por se tornar “num verdadeiro portal do distrito”, disponibilizando, para além de trabalhos jornalísticos, uma série de outros conteúdos e ligações multimédia para outros sites de interesse para a região.

Para além de notícias, o Setúbal na Rede criou uma série de projectos como as Tertúlias Poéticas, seminários temáticos sobre a região de Setúbal, debates, e publicação de livros.

Para Ricardo Nunes o mérito do Setúbal na Rede foi o de ter conseguido impor-se “como um meio de comunicação social com expressão única ao nível do distrito de Setúbal, mas que extravasou essas fronteiras geográficas. Afirmar-se

pelo confronto de ideias e de ideais na busca de uma informação plural, esclarecedora, crítica e interventiva e Promover o debate e a intervenção cívica sobre assuntos de interesse e com relevância para a população”.

UM PROVEDOR E UMA TESE DE MESTRADO

Pedro Brinca não tem dúvidas que o Setúbal na Rede possui um património que “não se deve deitar fora”. O director da publicação refere-se ao trabalho desenvolvido em prol da informação do distrito de Setúbal e à projecção que o jornal adquiriu sobretudo naquela região, reconhecida em 1999 com a atribuição do Prémio Gazeta de Imprensa Regional do Clube de Jornalistas. Mas refere-se também a outras experiências que marcaram a empresa.

Uma delas foi a criação, em 2003, de um Provedor do Leitor: “O primeiro de um jornal online”, assegura Pedro Brinca.

O provedor começou por ser emanado do Conselho de Opinião por curtos mandatos de três meses. Findo esse período o mesmo conselho fazia um balanço e nomeava o seguinte. Actualmente a figura do provedor foi extinta passando a existir apenas uma Provedoria do Leitor composta por seis elementos do Conselho de Opinião que rodam semanalmente entre si.

O primeiro jornal exclusivamente online surgido em Portugal motivou ainda a investigação académica tendo sido escolhido por Ricardo Nunes para o estudo de caso da tese de Mestrado que defendeu em 2001.

João Canavilhas considera que enquanto “estudioso do jornalismo que se faz na web, não podia desconhecer o Setúbal na Rede, o primeiro jornal português exclusivamente online”.

Aliás, o título de ser “o primeiro” ainda motivou alguma discussão quando surgiu, mais tarde, o Diário Digital. Pedro Brinca esclarece que o Setúbal na Rede foi mesmo o primeiro exclusivamente online e exhibe uma curta notícia publicada no dia 2 de Janeiro de 1998 no Jornal de Notícias onde se lê o seguinte: “Na primeira semana deste novo ano vai nascer na Internet uma publicação muito especial. Trata-se de “Setúbal na Rede”, Semanário Digital Independente da Região de Setúbal. A primeira publicação é já segunda-feira, dia 5, sendo o endereço www.setubalnarede.cepsi.pt/”.